

	Estado de Mato Grosso Assembleia Legislativa
Despacho	NP: voj177fk SECRETARIA DE SERVIÇOS LEGISLATIVOS 01/03/2016 Requerimento nº 63/2016 Protocolo nº 625/2016 Processo nº 144/2016
Autor: Dep. Wilson Santos	

Com fulcro no art. 443 e seguintes do regimento interno desta Casa de Leis, requeiro à Mesa Diretora, ouvido o soberano plenário, que determine a convocação de Audiência Pública, a ser realizada no dia 12 de Abril de 2016, às 08:00 horas no Plenário “Deputado Milton Figueiredo”, com a finalidade de debater o GEOPARQUE CHAPADA DOS GUIMARÃES (MT), abrangendo seu entorno e a Estrada Parque.

Esta audiência contará com a presença dos senhores Deputados Estaduais, devendo ser convidados o Secretário de Estado de Meio Ambiente, Secretário de Estado das Cidades, Secretário de Desenvolvimento Econômico e Secretário Adjunto de Turismo, Secretário de Estado de Infra Estrutura, Membros do Ministério Público do Estado de Mato Grosso - 1ª Promotoria de Justiça Cível da Comarca de Chapada dos Guimarães, Companhia Mato-grossense de Mineração-METAMAT, Prefeitos, Vereadores e Secretários Municipais das cidades no entorno do GEOPARQUE CHAPADA DOS GUIMARÃES, Associação de Defesa do Rio Cuiabá, Organizações Não Governamentais voltadas para o meio ambiente, Associações de Guia de Turismo, Sindicato de Guia de Turismo, Agências de Turismo, Departamento Nacional de Produção Mineral, Administração do PARNA de CHAPADA DOS GUIMARÃES e administração do Ecobooking.

Plenário das Deliberações “Deputado Renê Barbour” em 01 de Março de 2016

Wilson Santos
Deputado Estadual

JUSTIFICATIVA

Segundo o historiador Jorge Belfort Mattos Jr. a ocupação da região da Chapada dos Guimarães ocorre com a chegada dos primeiros bandeirantes ao Mato Grosso, em 1718/19, época em que era disputada pelos índios Boróros ou Caiapós. Neste mesmo período a região da baixada cuiabana era povoada pelos guerreiros Paiaguás. O pioneiro desta ocupação foi o Bandeirante paulista Antônio de Almeida Lara que se estabeleceu por volta de 1722, criando a primeira fazenda de cana de açúcar do Mato Grosso, a fazenda "Burity Monjolinho". Em 1726, Rodrigo César de Menezes, chefe da Capitania de São Paulo, formalizou a doação destas terras através de uma carta de sesmaria, tornando Antônio de Almeida Lara um abastado produtor de mantimentos da região, que recebia dia a dia leva de mineradores que se alastravam por toda baixada cuiabana. Nesta época a economia no Estado do Mato Grosso era voltada para mercantilismo e dirigida por um grupo de comerciantes ávidos em dominar todos os possíveis caminhos econômicos. O interesse da Corte Portuguesa era focado principalmente na produção mineral deixando em segundo plano a agropecuária, não só pela melhor arrecadação, como também porque abastecimento dos mineradores com alimentos era uma fonte de troca com o ouro. De 1731 a 1737 os índios Paiaguás, exímios guerreiros, confederaram-se com os Guaicurús, índios cavaleiros que habitavam o sul do Pantanal, e fecharam a passagem do rio Paraguai para os brancos, impedindo o abastecimento feito pelas monções, e submetendo a população sitiada a ter que sobreviver da caça e dos produtos produzidos pelas fazendas clandestinas. O isolamento e monopólio teve posto seu fim quando da abertura da nova estrada ligando Cuiabá até a cidade de Goiás Velho, passando pela Chapada dos Guimarães, possibilitando a chegada do primeiro gado vacum na região. Em 1751 a Corte Portuguesa percebendo que não chegavam a Portugal os impostos que eram cobrados pelos bandeirantes, desmembra o Mato Grosso da Capitania de São Paulo e nomeia o primeiro Governador Capitão General de Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares. Em sua comitiva, padres Jesuítas com a clara intenção de criar missões Jesuítas, estabeleceram no povoado um aldeamento para congregar os índios de diversas tribos que habitavam o local, na tentativa de impedir um choque com os garimpeiros e a depredação dos estabelecimentos civilizados. Cabe ressaltar que, os índios neste período eram importante fonte de renda para os Bandeirantes, se tornando um forte concorrente aos negócios portugueses de compra e venda de escravos negros. Este povoado recebeu em 1751 o nome de Chapada Nossa Senhora Sant'Ana Aldeia Velha e sua administração ficou por conta do padre jesuíta Estevão de Castro, onde foi erguida uma capela. O responsável pela missão reduziu além de índios Boróros, índios Caiapós e índios de toda a região, inclusive Mochos e Chiquitos, já em território da Bolívia. No ano de 1778, no local desta capela, é construída a Igreja Nossa Senhora Sant'Ana, padroeira da cidade Chapada dos Guimarães (Ferreira, 2001). Durante anos a estrada que ligava Chapada a Cuiabá era denominada trilha do "Tope de Fita" e até hoje permanece marcada na mata, onde é feita anualmente uma cavalgada de integração. A trilha é toda calçada em pedra e tem 30 km de extensão. Foi por onde os índios e escravos trouxeram material para a construção da igreja, que é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2010). Portanto a cidade Chapada dos Guimarães já foi Sant'Ana da Chapada, nome da célebre missão dos jesuítas comandada pelo padre Estevão de Castro. Algum tempo depois, o nome foi alterado para Chapada de Cuiabá. Não demorou muito e o nome foi novamente modificado, desta feita para Sant'Ana da Chapada de Guimarães. Nesta ocasião governava a Capitania de Mato Grosso o Capitão General Luíz Pinto de Souza Coutinho - Visconde de Balsemão, que, acatando sugestão de portugueses naturais da cidade de Guimarães, acrescentou à denominação de Sant'Ana da Chapada o termo "de Guimarães". Outra fonte dá o termo como homenagem ao Duque de Guimarães, por imposição do mesmo Visconde de Balsemão (Ferreira, 2001). Em 1814, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia. Através da Lei Provincial nº 219 de 11 de dezembro de 1848, a localidade transformou-se em Distrito Administrativo. O Distrito de Paz de Chapada foi criado em 1875. O município, com o nome de Chapada dos Guimarães, foi criado em 15 de dezembro de 1953, através da Lei Estadual nº 701. Porém, a data oficial de comemoração da fundação do núcleo é 31 de julho de 1751, completando desta forma, 259 anos em 2010. Em 1994, a Assembléia Legislativa de Mato Grosso pretendeu retornar a denominação de Chapada dos Guimarães para Chapada de Guimarães. A lei foi vetada pelo executivo permanecendo Chapada dos Guimarães. Quanto ao aspecto arquitetônico da cidade, destaca-se o estilo barroco colonial, que resiste ao tempo, e conduz ao presente, os séculos XVII e XVIII. As cumeeiras saem do centro, deslocadas para frente com paredes construídas de adobe (tijolos feitos de barro amassado) e os alicerces são de pedras encaixadas. O piso, em geral, é de chão batido e as janelas e portas, com beirais de troncos grossos, lisas por dentro, são fechadas com trancas de travessão (Mesquita, 1940).

O Município de Chapada dos Guimarães, cuja sede se insere na área do Geoparque, dista 62 km da cidade de Cuiabá e apresenta diversas belezas naturais, tais como; cachoeiras, cavernas, lagoas, feições geológicas distintas e trilhas em meio à natureza típica de cerrado. O clima ameno e a beleza cênica presente formam um contexto de relevante atrativo turístico na região, onde se destacam; a biodiversidade, a geodiversidade e o patrimônio histórico. A região da Chapada dos Guimarães está inserida no domínio morfoestrutural da Bacia Sedimentar do Paraná, constituindo a unidade de relevo Planalto de Guimarães.

Quatro domínios litológico-estratigráficos principais são reconhecidos da base para o topo: rochas metassedimentares do Grupo Cuiabá; rochas sedimentares da Bacia do Paraná; coberturas detrítico-lateríticas e aluviões recentes.

As unidades morfológicas presentes na área proposta para Geoparque compreendem o Planalto dos Guimarães (subunidade Chapada dos Guimarães) e a Depressão do Rio Paraguai (Subunidade Depressão Cuiabana). O Planalto dos Guimarães se estende ao longo da extremidade noroeste da Bacia Sedimentar do Paraná, configurando-se como uma unidade contínua e alongada, atingindo cerca de 200 km no sentido leste-oeste e 120 km no sentido norte-sul, correspondendo a um trecho dos planaltos divisores entre as bacias do Prata e do Amazonas. É caracterizado por um planalto conservado com superfícies cimeiras e formas de relevo do tipo chapadas, dissecado com superfícies de média a forte dissecção, amplitude média e declividade média a alta, com vales fechados e córregos encachoeirados. Devido a características topográficas e geomorfológicas distintas é possível reconhecer, na região da Chapada dos Guimarães, três compartimentos de relevo, definidos como: subunidade geomorfológica Chapada dos Guimarães, que se desenvolve predominantemente sobre as rochas das Formações Furnas, Botucatu e Ponta Grossa e possui cotas que variam de 600 a 800 m; Planalto do Casca com cotas que vão de 300 a 600 m e o Planalto dos Alcantilados com cotas que oscilam entre 300 e 600 m de altitude (RadamBrasil, 1982 *in*: ICMBio, 2009), além da depressão cuiabana. colinas amplas e patamar. Há também a forma planalto Na área do proposto Geoparque estão presentes, à sudeste, as bordas da subunidade Chapada dos Guimarães, que contorna a superfície pediplanada da Depressão Cuiabana, por meio de escarpas e ressaltos, marcando a transição entre a depressão e o planalto. Embora não ocorram na área do proposto Geoparque, os demais compartimentos de relevo citados são importantes do contexto geomorfológico da região da Chapada dos Guimarães.

A Depressão Cuiabana é uma área rebaixada com altitude de 200 a 450 m com formas de relevo variadas e apresenta três unidades morfológicas: depressão dissecada, constituída por formas dissecadas em colinas morrotes e morros; depressão pediplanada, constituída por pedimentos em forma de rampas com a presença de raros *inselbergs*; e a planície de inundação do rio Cuiabá, caracterizada por uma superfície plana, sujeita à inundação durante a época das cheias.

Estas formas de relevo foram modeladas em rochas de idade pré-cambriana do Grupo Cuiabá, representadas por metagrauvas, metarcóseos, filitos, filitos arcoseanos, quartzitos e metaconglomerados, normalmente encobertos por coberturas detríticas relacionadas a couraças ferruginosas intemperizadas e solos rasos a pouco profundos, constituídos por material argilo-arenoso com ocorrência comum de horizonte concrecionário e cascalheiras (CPRM, 2006).

Neste sentido o PARNA – Parque Estadual de Chapada dos Guimarães foi criado em 12 de abril de 1989 pelo Decreto Lei 97.656. Com 32.690 há, protege amostra significativa dos ecossistemas locais e assegura a preservação dos recursos naturais e sítios arqueológicos existente, proporcionando uso adequado para visitação, educação e pesquisa. O Parque Nacional da Chapada dos Guimarães está localizado no estado de Mato Grosso, nos municípios de Cuiabá, capital do estado, e de Chapada dos Guimarães. O limite do Parque Nacional está a 26 km da área urbana de Cuiabá e a 6 km de Chapada dos Guimarães, com acesso pela MT-251, rodovia asfaltada que serve de limite e passa dentro do Parque Nacional. O PNCG, com seus 32.630 ha ou 326,30 km², representa 0,036% da área do Mato Grosso, que possui 903.357,91 km² de extensão: 10,57% da área do Brasil (8.547.403,50 km²), está inserido na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (BAP). A BAP possui uma extensão de aproximadamente 496.000 km², dos quais 396.800 km² (80% da área total) pertencem ao Brasil e 99.200 km² (20%) ao Paraguai e à Bolívia. Aos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que comportam a porção brasileira, pertencem 189.551 km² e 207.249 km², respectivamente, sendo que 64% desta área corresponde a planaltos e 36% a planícies (Brasil, 1982). O relevo da BAP é marcado por significativos contrastes entre as terras baixas e periodicamente inundáveis,

planícies do Pantanal Matogrossense, e as terras do entorno, não inundáveis, individualizadas pelos planaltos, serras e depressões (MMA, 1997). Vale lembrar que outras quatro unidades de conservação de proteção integral federais estão nesta mesma bacia hidrográfica: Parque Nacional do Pantanal Matogrossense e Estações Ecológicas Taiamã e Serra das Araras, somando 201.000 ha, no Mato Grosso, e Parque Nacional da Serra da Bodoquena, com 77.232 ha, no Mato Grosso do Sul. Apenas 0,7% da área brasileira da BAP está protegida por UCs federais, sendo que o PNCG contribui com cerca de 11,8% dessa área, protegendo várias cabeceiras, afloramentos e áreas de recarga com alta vulnerabilidade à contaminação do Aquífero Guarani, o mais importante reservatório de água subterrânea da América do Sul (Migliorini et al., 2006). Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães - Encarte 1 4 O PNCG protege uma amostra do bioma Cerrado que vem, historicamente, sendo devastado. Dos 1.783.200 km² originais, restavam intactos, no início desta década, 356.630 km² : 20% do bioma original (Myers et al., 2000). Assim, fica evidente a necessidade de sua proteção. No cenário nacional, 4.056.980 ha de Cerrado estão inclusos em UCs federais (excetuam-se aqui as Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPNs e as UCs localizadas em ecótonos). Esse total representa aproximadamente 2% da área original do bioma, o que está muito longe da meta indicada pelo Congresso Internacional de Áreas Protegidas ocorrido na Venezuela, em 1997 e adotada pelo governo brasileiro como um alvo a ser atingido: 10% da área de cada bioma (Alho, 2005). Os Parques Nacionais somam 64 unidades em todo o Brasil que correspondem a menos de 10% do total de áreas protegidas em todas as categorias do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (ICMBio, 2009). A região do Cerrado apresenta seis dessas unidades localizadas em ecótonos (cerrado-amazônia e cerrado-caatinga) e 12 exclusivamente no bioma, que somam uma área total de 4.617.933 ha (Ibama, 2006). A área do PNCG compreende 0,71% desse total e 0,092% da área intacta do bioma. Segundo Mittermeier et al. (1999), há no Cerrado 1.268 espécies de vertebrados terrestres, sendo 117 endêmicas: 150 espécies de anfíbios (45 endêmicas), 120 répteis (24 endêmicas), 837 aves (29 endêmicas), 161 mamíferos (19 endêmicas). Já as plantas vasculares do Cerrado contam com 12.356 espécies, sendo 4.400 endêmicas (Sano et. al, 2008). Assim, o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, com seus recursos naturais e riqueza de ambientes como matas de encosta, matas ciliares e veredas, onde muitas espécies animais e vegetais coexistem, além da proteção de nascentes e corpos d'água, passa a ter grande importância num contexto atual de pressões crescentes sobre o Cerrado.

Abrangendo os seguintes pontos turísticos:

PARNA Chapada dos Guimarães, Circuito das Cachoeiras

Localizado a 11 km da sede da Chapada dos Guimarães o atrativo exige o acompanhamento de um guia credenciado junto ao PARNA da Chapada dos Guimarães. Oferece banhos de cachoeira e passeios em trilha interpretativa, isto é, realiza-se a interpretação do ambiente geográfico (relevo e solo), da fauna e flora.

Conhecer todos os atrativos do Circuito leva cerca de seis horas, portanto o visitante deve levar água, lanche e demais itens recomendados para caminhadas em ambientes naturais, pois não há nenhum comércio na área. No percurso, pode-se visitar a Casa de Pedra, uma gruta arenítica esculpida pelo Rio Independência, com vestígios de inscrições rupestres (ICMBio, 2010); conta a história que o lugar serviu de abrigo aos homens da Coluna Prestes durante sua viagem pelos sertões do Brasil. Também se diz que a Casa de Pedra já foi local de refúgio para escravos fugitivos. (**Fonte:** FÉRIAS BRASIL, 2009; GOEBEL, 2009).

Cachoeira Independência

Águas transparentes descem construindo piscinas naturais, onde lambaris desfilam indiferentes à companhia dos banhistas. Seguindo a mesma trilha da cachoeira das Andorinhas, no Parque Nacional da Chapada de Guimarães, encontra-se o salto da Independência - com mais de 20 metros de altura, cercado por uma mata de galeria fechada que quase esconde a cachoeira. Era conhecida por cachoeira do Arco-Íris, devido às belas formações óticas que se formam com sua queda. Teve o nome mudado quando se procurou desfazer as influências da cultura alternativa em Chapada de Guimarães.

Balneário e Cachoeira Salgadeira

Localizado a 18 km da sede da Chapada dos Guimarães o atrativo funciona todos os dias da semana e não há necessidade de agendamento, nem de acompanhamento de guia. Atualmente oferece banho de rio e de

cachoeira.

O atrativo apresenta infra-estrutura turística para atender grande quantidade pessoas, tendo recepção com restaurante, banheiros, área de estacionamento, redário, churrasqueiras e vestiário.

Cachoeiras da Martinha

O complexo das Cachoeiras da Martinha é composto por cinco quedas, com alturas que variam de um a 10 metros, com o maior volume de água do município da Chapada dos Guimarães. Localizadas no Rio da Casca, na divisa da Chapada de Guimarães e Campo Verde, há sítios arqueológicos do período colonial (SECOM-MT, 2007).

O entorno dos rios Casca e Quilombo foi palco da ocupação de inúmeros engenhos no século XVIII, sendo que restam apenas vestígios das edificações construídas por escravos. Pesquisas do Instituto de Ecosistemas e Populações Tradicionais (ECOSS) e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT) localizaram ruínas de um engenho do final do século XVIII, que constitui importante sítio arqueológico nas proximidades do complexo das Cachoeiras da Martinha.

Cachoeira do Marimbondo

A Cachoeira do Marimbondo é uma boa opção para quem quer se refrescar. O banho está liberado no lago de 10 m de diâmetro que se forma na base da cachoeira, que tem 15 m de altura. Localizada a 8 km de Chapada dos Guimarães, o nível de dificuldade para alcançá-la e percorrê-la é classificado como fácil: leva três horas. Considerado também como um dos melhores lugares para prática de rapel da região. (**Fonte:** Diário de Cuiabá)

Cachoeirinha e Cachoeira dos Namorados

A Cachoeirinha localizada numa área particular encravada no Parque Nacional, no rio Coxipó, é uma das mais visitadas pela facilidade de acesso, de carro ou a pé, próximo à administração. Dispõe de um poço adequado à natação se não fosse pela temperatura da água, um tanto quanto fria no inverno, devido à cascata com 18 metros de altura. Na área há um restaurante, com banheiros e duchas, numa prainha cercada por uma mata.

A Cachoeira dos Namorados fica localizada a 50 m da Cachoeirinha, sua água cai feito um manto de “fora a fora” da escarpa que a origina. Águas limpas de onde se anda por detrás da queda d’água de aproximadamente 8 metros.

Cachoeira da Geladeira

Linda cachoeira e uma piscina pra quem gosta de nadar e é umas das cachoeiras mais visitadas de chapada junto com a cachoeira do marimbondo, pois uma é bem perto da outra.

Cachoeira do Pulo

A cachoeira do Pulo é um local muito procurado pelos turistas que gostam de aventura. O poço profundo permite que os visitantes possam saltar do alto. A queda d’água forma uma leve corredeira, ideal para banho. É uma das primeiras cachoeiras do roteiro das águas dentro do Parque Nacional, formada pelo rio Sete de Setembro.

Cachoeira do Degrau

Formada pelo rio Sete de Setembro, no Parque Nacional da Chapada de Guimarães, Degrau é uma pequena cachoeira que, como o próprio nome lembra, possui vários degraus lembrando uma escada, formado por pedras lisas e com pouca correnteza. Faz parte do circuito das cachoeiras do Parque, a ser feito a pé.

Cachoeira Sete de Setembro

Situada dentro do Parque Nacional da Chapada de Guimarães, a cachoeira Sete de Setembro é a mais próxima do estacionamento, junto à administração do IBAMA. Trata-se de uma bonita queda d'água no rio Sete de Setembro, formando um poço de pouca profundidade. Águas cristalinas, em geral frias, que nascem nas grotas entre os paredões da chapada.

Cachoeira das Andorinhas

Quem tem mais preparo físico e disposição para descer o morro encontra a cachoeira das Andorinhas, com queda de 18 metros, conhecida nos anos 80 como "cachoeira dos Malucos", por causa dos alternativos que freqüentavam a região na época. Só é acessada a pé através de trilhas e faz parte do roteiro das cachoeiras do Parque Nacional da Chapada de Guimarães. Circundada por um paredão de rochas, onde as andorinhas podem ser vistas em certas épocas do ano.

Mata Fria

Localiza-se no trecho da rodovia MT-252, com fácil acesso, por que fica ao lado da rodovia, Ideal para crianças.

Casa de Pedra

A casa de Pedra é uma pequena caverna de arenito tipo "furnas", localizado dentro do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães. Atualmente é possível visitá-la quando se faz o passeio ao circuito de cachoeiras do parque nacional.

Fica próxima de uma vereda e é cortada pelo córrego Independência, formando uma pequena cachoeira.

Gruta de 70 metros quadrados com riacho e trilha leve desde o Centro de Visitante do Parque. Conta também com inscrições rupestres em seu interior. É possível caminhar por formações rochosas, esculpidas pelo vento e pela água, que se formaram nessa escarpa da Chapada, a 350 metros de altura. O local lembra uma cidade de pedra, o que deu origem ao nome. O acesso é feito pela estrada que liga a Chapada dos Guimarães ao distrito de Água Fria, num trajeto de 24 km.

Historicamente já serviu de abrigo para povos primitivos, depois índios que viviam na região, bandeirantes, tropeiros e campistas. Os sinais mais antigos foram descaracterizados e o local tem se recuperado desde que o parque nacional foi limitando seu acesso.

Caverna Aroê Jarí e Lagoa Azul

Localizadas a 35 km da sede da Chapada dos Guimarães, as cavernas estão abertas para visita todos os dias da semana e não há necessidade de agendamento.

Há atividades de trilha interpretativa, visita às cavernas Aroê Jarí e Lagoa Azul e banho de cachoeira.

A mais extensa caverna de arenito do Brasil, com cerca de 1.550 metros, e uma das mais belas cenicamente. Fica localizada a 46 km de Chapada dos Guimarães, no sentido Chapada-Campo Verde, na fazenda Água Fria.

No entorno da caverna existe um ecossistema bastante especial que está preservado, com cerrado baixo, veredas e nascentes de água.

Em termos de ocupação humana, a caverna Aroe Jari (também conhecida como Gruta das Almas ou Caverna do Francês) pode ter sido freqüentada em diversos momentos por indígenas, desde tempos pré-históricos. Entretanto, o único registro físico dessa ocupação são cemitérios mais recentes dos índios Bororo e Caiapó, que habitavam a Chapada dos Guimarães quando da colonização da região pelo europeu. Diversos relatos populares fazem crer que essa e as demais cavernas fossem conhecidas desde o final do século passado por tropeiros e habitantes locais. Todavia, os primeiros relatos científicos podem ser atribuídos ao espeleólogo Ramis Bucair, que a teria visitado no início da década de 70, segundo trabalhos de Maria Lúcia Pardi sobre sítios arqueológicos da Chapada dos Guimarães. Em meados da década de 80,

Tércio Soares Barreto relata o mapeamento e topografiação detalhados da caverna realizados pela SBE. (Mattos, 1999).

PARNA Chapada dos Guimarães, Mirante do Véu da Noiva

Localizada a 11 km da sede da Chapada dos Guimarães, dentro do PARNA, a Cachoeira Véu da Noiva encontra-se na mesma região do Circuito de Cachoeira.

A trilha que leva ao Mirante do Véu de Noiva tem 550 m de extensão. Recomenda-se que o visitante evite os horários mais quentes do dia e use roupas e calçados adequados para caminhada.

Mirante do Centro Geodésico

Em Chapada dos Guimarães, na face Sul dos paredões, existe um mirante natural que dá vista para a imensa planície pantaneira e também de onde se avista Cuiabá, a capital de Mato Grosso. Neste mirante existe um marco geodésico e muitas pessoas sempre acreditaram que este local seria o “centro geodésico da América do Sul”, porém trata-se apenas de um marco de altitude e complementa o antigo marco localizado em Cuiabá, o qual é, segundo geógrafos, o marco exato do centro da América do Sul.

O marco em Chapada dos Guimarães é apenas um ponto físico que serve para delimitar territórios e não alcança, na imaginação humana, a sensação produzida por um mirante com vista tão ampla. Esta sensação, de ver tudo do alto, é que dá o toque místico para o “centro da América do Sul”. Não precisa ser geodésico, mas apenas centro.

Neste conceito mais amplo consideramos que o mirante em Chapada dos Guimarães realmente não é o “centro geodésico”, mas sim o “centro” da América do Sul, ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico (Oceanos).

Localizado a 8 km da sede da Chapada dos Guimarães

Mirante do Morro dos Ventos

Localizado na área urbana da Chapada dos Guimarães, o mirante tem livre acesso todos os dias da semana. O local fica dentro de um condomínio residencial e há cobrança de taxa de visitação. Atualmente oferece apenas a contemplação da área de planície abaixo da chapada.

Na sequência dos paredões a tecnologia permitiu a instalação de uma plataforma de aço vazado que avança para fora do paredão, dando a sensação de flutuarmos num espaço de mais de 150m de altura, de onde podemos observar uma cachoeira com mais de 150m no período das chuvas.

No mesmo lugar existe um restaurante panorâmico feito em típicos quiosques de palha, certamente um restaurante com uma das mais belas paisagens à frente.

Ninho das Águias

Localizado a 10 km da sede da Chapada dos Guimarães, o atrativo exige o acompanhamento de guia. As atividades oferecidas são contemplação da área de planície abaixo da chapada e trilha interpretativa até a planície.

Morro de São Jerônimo

O Morro de São Jerônimo fica localizado na borda sul do parque nacional de Chapada dos Guimarães, com ampla vista de 360°, para toda a planície pantaneira, Morro do Quebra Gamela e paredões da Chapada. É um dos pontos mais altos da região, com mais de 800 metros acima do nível do mar. Além disso, é um 'morro testemunho', como chamam os geólogos: uma formação que resistiu às intempéries do tempo e forma um maciço gigantesco, como se fosse uma ilha.

Caminhar até o alto do Morro de São Jerônimo é um dos mais belos passeios no parque nacional, passando

por formações rochosas sugestivas da formação Furnas, como o jacaré de pedra, além de possibilitar a visualização da vegetação típica do cerrado durante o trajeto. São cerca de 13 km entre ida e volta, com uma mini escalada para subir o Morro de São Jerônimo. Lá do alto a vista compensa todo o esforço e brinda o visitante com um cenário inesquecível.

O nome Morro de São Jerônimo tem origem nos bandeirantes paulistas que acamparam naquela região nos idos de 1718. Segundo a história, as bandeiras chefiadas por Antonio Pires de Campos e a bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno se encontraram na região. Eles se esconderam juntos no sopé do morro em busca de abrigo. Dizem que clamavam pelo santo católico protetor dos raios e trovões.

O nome indígena tem origem bororo e é Bokodoriri. O significado tem a ver com o Tatu Canastra. Olhando bem de longe, da planície, e dependendo do ponto de onde esteja observando, é possível ver perfeitamente o tatu no alto dos paredões. Para os nativos da planície o nome é apenas 'a pedra'.

No alto do Morro de São Jerônimo é possível encontrar pequenas hematitas, rochas bastante ricas de minério de ferro. Com o tempo estas pedras adquirem um brilho reluzente como se fossem polidas. Em muitas destas pedras estão gravadas a impressão de uma concha marinha. São fósseis de um tempo remoto e fazem parte da camada rochosa superior chamada Ponta Grossa. Para quem gosta de caminhadas na natureza, o trajeto ao Morro de São Jerônimo é um dos mais impressionantes. (**Fonte:** www.chapadadosguimaraes.tur.br)

Cidade de Pedras

Cidade de Pedras é o nome genérico para toda a região no alto destes paredões do parque nacional de Chapada dos Guimarães e dois mirantes naturais têm sido visitados há anos e se consolidaram como rota de visita. São eles: mirante do Rio Claro (a região do Vale do Rio Claro fica logo abaixo) e o mirante do Rio Paciência, também conhecido como Paredão do Eco.

Existe ainda um terceiro mirante, que muitos chamam de “verdadeira Cidade de Pedras”, devido existirem lá formações altas, a maioria com 20 a 30 metros de altura. Esta região não tem sido visitada e provavelmente fará parte de uma área interdita quando a questão fundiária for resolvida.

A Cidade de Pedras é um dos lugares imperdíveis e também um dos mais lindos de toda a Chapada dos Guimarães. É onde as pessoas se emocionam ao se deparar com tamanha beleza.

Alto do Céu

O Mirante Alto do Céu é com certeza o um dos lugares mais bonitos de Chapada dos Guimarães, é o único Mirante que tem a vista completa para Cuiabá, onde se pode visualiza toda baixada cuiabana, e diversas cidades como Barão de Melgaço, Várzea Grande, Santo Antônio do Leverger, Acorizal. Vê-se o pantanal e o rio Cuiabá serpenteando na baixada e a Serra de São Vicente.

No local existem trilhas com mata preservada podendo ser possível ver animais silvestres e é bem visitado por muitos turistas para observação da fauna e flora. O local é muito procurado à tarde para o pôr do sol para ver o Gigante adormecido olhando para o céu e ver Cuiabá inteira se acender.

É lindo e não tem palavras para descrever a tamanha maravilha da natureza. Você se sente integrado à natureza.

Fecho dos Morros

Na estrada para Água Fria, é possível ver o fecho do morro. Esse fecho parece não ter nada de mais, mas alguns místicos da cidade dizem seria um portal, uma entrada de naves, pirâmide invertida. Algumas pessoas dizem sentir alguma energia diferente ao passar entre o fecho, pois essa estrada passa no meio entre as duas montanhas que de longe tem essa visualização e onde acabou ganhando o nome de Fecho do Morro.

Monumento de Pedra

Monumento fantástico deixado pela natureza fica na estrada de Cuiabá a Chapada, na própria estrada é possível parar pra fotos, mas como o mato cresce alguns meses ele fica coberto, com a chegada da seca o mato não resiste e os monumentos voltam a aparecer, existe vários formatos e o mais famoso e a "Pedra Sapo".

Rio Claro

O Vale do Rio Claro é uma das regiões com o visual mais pré- histórico que poderemos conhecer na Chapada dos Guimarães. Gigantes paredões de arenito, cerrado preservado, veredas e trilhas com muita areia, mostrando as marcas de milhares e milhares de anos, numa beleza cênica inesquecível. Lá nasce o Rio Claro, que já vem com um bom volume de água, formando um rio cristalino. Conta com um balneário e com bóia cross, descida no total de 3 horas, no primeiro trecho é onde se encontra pequenas quedas e corredeiras. No fim desse trajeto, é possível mergulhar em lago de 2,5 m e conhecer a fauna subaquática.

Rio da Casca

Nasce nas encostas da chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, tornando-se um dos principais rios da região. A 38 km da cidade de Chapada dos Guimarães, o trecho sem asfalto da rodovia MT-251 passa sobre o rio da Casca, pouco acima das quedas d'água conhecidas como cachoeira da Martinha. Seguindo rio abaixo, encontra-se o início do lago da hidrelétrica de Manso.

Rio Coxipó

Nasce na Área de Proteção Ambiental da Chapada dos Guimarães, passa por baixo da rodovia MT-251 (no trecho de Cuiabá até a cidade de Chapada dos Guimarães) e depois atravessa o parque nacional. Ali despenca pelos paredões, formando a famosa cachoeira do Véu de Noiva e também a Cachoeirinha, no mesmo roteiro. Ainda dentro do parque nacional recebe as águas do Córrego Mata Fria, encontrando-se mais adiante com o conjunto de cursos d'água nascidos das grotas, em meio à vegetação fechada. Desce depois para a planície.

Rio Mutuca

Nasce das grotas no alto dos paredões no centro do Parque Nacional da Chapada de Guimarães, sendo cortado pela rodovia MT-251, onde há um balneário. Ao longo do seu percurso forma poços de água límpida, apropriados para mergulho. Cristalino, permite avistar os peixes nadando em suas águas. O nome vem do popular inseto, semelhante a um mosquito grande, cuja picada incomoda bastante. Deságua no rio Coxipó, na saída do parque nacional.

Igreja Santana do Sacramento

Na região central da cidade da Chapada dos Guimarães, na Praça D. Wunibaldo, a igreja histórica, tombada pelo IPHAN, foi construída em 1751 e teve sua cobertura de palha substituída por outra mais resistente em 1779, com estilo barroco.

A Região é ainda cortada pela rodovia Emanuel Pinheiro, a partir do quilômetro 16 até o mirante da cidade de Chapada dos Guimarães, é uma unidade de conservação estadual da categoria estrada parque, cujos objetivos são conservar a beleza cênica da paisagem e proteger a biodiversidade, apoiar o turismo ecológico com infra-estrutura adequada e proteger o patrimônio natural e cultural da região (Decreto estadual 1.473/2000). duplicação.

Apesar da noticiada duplicação, o Governo do Estado não apresentou à população os mecanismos que vai utilizar para atender aos objetivos da estrada parque, o que suscita dúvidas quanto à sustentabilidade da mesma (agora e depois da Copa do Mundo, lembremos). Assim, é bom questionar o governo estadual sobre os seguintes pontos:

O projeto de duplicação prevê a valorização da beleza cênica da estrada parque, com a construção de mirantes para contemplação da paisagem?

O acesso aos pontos de visitação será melhorado, para dar mais segurança e conforto aos usuários da rodovia?

Os balneários Mutuca e Rio Claro serão reestruturados para melhorar o serviço prestado, uma vez que, através da antiga Turimat (atual Secretaria de Estado de Desenvolvimento do Turismo), já tiveram decretos de desapropriação par utilidade pública publicados na década de 1980?

A comunidade Rio dos Peixes será comunicada sobre as obras na rodovia, com audiência pública específica no local e possibilidade de opinar no processo de licenciamento da obra e, igualmente, terá melhores condições para desenvolver o turismo no local?

Terá o trecho que corta a comunidade Rio dos Peixes, estrutura adequada para a circulação dos moradores, com redução da velocidade dos veículos e locais de travessia adequados de um a outro lado da pista? Lembremos há escola, igreja e residências na comunidade, e que a rodovia é um risco aos moradores.

Considerando uma largura total de 20 metros, os 65 quilômetros de rodovia cobririam cerca de 130 hectares de solo, (pouco menos, por conta do canteiro central vegetado) e com um impacto no entorno sem previsões, uma vez que a impermeabilização asfáltica e o aterramento da obra desencadeiam mudanças na dinâmica de erosão dos solos adjacentes, na sedimentação de corpos d'água, na deposição de derivados de petróleo e possivelmente uma trágica mudança das características dos corpos d'água. No primeiro trecho já construído, mas fora do percurso da estrada parque, já são visíveis os impactos.

Neste caso, falta esclarecer tais medidas. Não faço julgamento dos custos da obra, mas é necessário chamar a atenção para o montante previsto à época do anúncio de início das mesmas – anunciado em torno de R\$ 63 milhões. No entanto, apenas o primeiro trecho – ainda incompleto –, correspondente a ¼ do total, já consumiu 1/3 do previsto. No trecho dentro da área urbana de Cuiabá sequer foi iniciada alguma melhoria. De péssima qualidade, diuturnamente coloca em risco a vida da população que ali trafega. Não são poucas as dúvidas sobre esta obra, que já começou sem licença ambiental – uma vergonha para todos! A “primeira obra da Copa do Mundo 2014 em Mato Grosso” embargada porque o próprio governo do Estado não respeitou a legislação ambiental! Soma-se a isso o vergonhoso e subserviente papel desempenhado pelo Conselho Estadual de Meio Ambiente – CONSEMA – em dispensar a necessidade de estudo de impacto ambiental da mesma, já depois de embargada porque descumpriu a legislação ambiental. Um conselho que deve ser instrumento público para assegurar o cumprimento da legislação é uma das primeiras instituições pública a passar a mão na cabeça dos erros cometidos.

A duplicação da rodovia não reduziu os acidentes, tão enfatizados como motivadores da obra. Certeza há da especulação imobiliária na região do trecho duplicado, onde os imóveis alcançaram um dos maiores índices de valorização em Cuiabá.

Por tudo isso, não há clareza dos objetivos da obra, nem se o estado vai cumprir a lei durante o restante do trecho da rodovia – e até outras obras da Copa.

Já A rodovia MT-030, que ligará Cuiabá a Chapada dos Guimarães por uma rota alternativa, terá seu ponto de partida no final da Avenida Dante de Oliveira (Av. dos Trabalhadores), no bairro Doutor Fábio, na região da Grande CPA. Ela seguirá por linha quase reta até se encontrar com a MT-251 (Rodovia Emanuel Pinheiro), 14 km após a cidade de Chapada. a rodovia tenha uma extensão total de 49 km, entre a Av. dos Trabalhadores e o entroncamento com a MT-251. Porém, essa distância pode mudar de acordo com o projeto, que ainda será elaborado. O custo estimado da obra é de R\$ 50 milhões, para uma estrada com pista simples, sem duplicação.

Atualmente, a rota entre Cuiabá e Chapada é pela Rodovia Emanuel Pinheiro, que atravessa o Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e é um atrativo turístico em si, pela vista dos abismos e paredões. A duplicação do trecho que corta o parque é um sonho antigo da população que visita a cidade, porém, de alto custo e com entraves técnicos e ambientais. A grande vantagem da nova rodovia será passar fora do parque, o que facilitará a obtenção de licenças ambientais e também reduzirá o custo da obra, já que a passagem pelos despenhadeiros exige que a estrada tenha estrutura mais reforçada. Além disso, a MT-030 poderá ser uma alternativa para transporte de cargas entre Cuiabá, Chapada e Campo Verde, já que é proibido o

tráfego de caminhões no parque nacional.

Por essa razão é tão importante que o tema ganhe cada vez mais destaque não apenas nas agendas governamentais, mas também nos diversos espaços de debate da sociedade civil nos planos nacional e internacional.

Diante disto é que solicito aos Nobres Pares a apreciação e aprovação deste Requerimento.

Plenário das Deliberações “Deputado René Barbour” em 01 de Março de 2016

Wilson Santos
Deputado Estadual